

“Vovô Índio”: frustrada tentativa nacionalista de desbancar “Papai Noel” na década de 30 (e outras afins)

Matheus Papiane¹

Orientador: Everaldo Rodrigues Morais²

Co-orientador: Alexandre Medeiros³

Resumo: O artigo examina e discute a tentativa nacionalista de substituir Papai Noel por Vovô Índio, personagem criado em 1932 pelo jornalista Christovão de Camargo. E, anos depois, outra ação, exatamente no mesmo sentido: desta vez pelo “autóctone” preto velho Pai João. Nessa mesma linha, situa-se atualmente, a proposta de trocar a festa de Halloween pela celebração do nacionalíssimo Saci Pererê.

Palavras Chave: Papai Noel e xenofobia. Vovô Índio. Pai João. Halloween x Saci.

Abstract: This article examines and discusses the nationalist attempt of replacement of Santa Claus with “Vovô Índio”, a character created in 1932 by the journalist Christovão de Camargo. And, years later, another campaign with the same purpose, this time to replace Sancta Claus with “autochthonous” Old Black John (“Pai João”). Nowadays, there is a movement to replace Halloween party with the celebration of the famous folkloric Saci Pererê.

Keywords: Sancta Claus. xenophobia. “Vovô Índio”. “Pai João”. Halloween x Saci.

1. Introdução

A partir do final da Primeira Guerra Mundial e da Semana de Arte Moderna de 1922, havia no Brasil, no começo da década de 30, diversos movimentos culturais nacionalistas de variadas tendências: da estética à política; de esquerda, centro e direita; marxistas e integralistas etc. E o próprio presidente Getúlio Vargas promoverá, a seu modo, um intenso nacionalismo. Não se pretende tematicamente neste artigo estudar os nacionalismos da época, que contam com vasta bibliografia e para um apanhado geral, indicamos o artigo: “O projeto nacional dos modernistas” de Graziela Naclério Forte (FORTE, 2009).

É nesse marco que no final do ano de 1932, próximo ao Natal, surge uma tentativa “nacionalista” de desbancar Papai Noel como encarregado de distribuir presentes para as crianças e instaurar em seu lugar uma criação autóctone: o Vovô Índio (abrev.: VvI). A datação nos é indicada pela pesquisa nos cerca de 8000 periódicos que se encontram na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional (<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>, abreviaremos por BN).

O paladino desse movimento foi o escritor – conhecido na época e hoje esquecido – Christovam (ou Christovão) de Camargo, que se dedicou com todas as forças, a promover essa figura por ele criada (independentemente de eventuais precursores, mas na BN “Vovô Índio” só aparece ligado a Camargo).

¹. Aluno do 2. Ano do Ensino Médio do Centro de Estudos Júlio Verne – www.julioverne.com.br

². Pós – Graduado em Metodologia de Ensino de Geografia; Licenciado em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC; Professor do Centro de Estudos Júlio Verne;

³. Pós – Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo – FEUSP.

A proposta de substituição de Papai Noel por Vvi causou enorme polêmica na imprensa nos anos seguintes e a essa controvérsia, dedicamos este artigo.

2. Papai Noel no Brasil

Países e épocas têm diversas tradições sobre quem entrega para as crianças os presentes de Natal: o próprio Menino Jesus, a bruxa Befana na Itália, os Reis Magos, Papai Noel (São Nicolau, Sancta Claus) etc.

Papai Noel, originalmente Papá Noel, não existe no Brasil no século XIX: ele é mencionado na BN uma única vez, em 1898 e somente para dizer que ele não aparece em nossos quentes trópicos, limitando-se ao frio europeu e do hemisfério Norte (“Gazeta de Notícias” RJ, 25-12-1898).

Já no começo do século XX, Papá Noel começa a ganhar espaço na imprensa e vai se firmando até ocupar o “posto” de grande figura do Natal. A sua primeira imagem na BN aparece em 24-12-1904, em “O Malho”:



Em 1908, Papai Noel já é sinônimo de alguém que traz presentes: uma caricatura de “O Malho” (No. 325, 1908) satiriza o Marechal Hermes da Fonseca, então Ministro da Guerra, pelo enorme volume de armamento que obtivera da Alemanha, com a legenda: “Ele veio da Alemanha como Papá Noel: cheio de ‘brinquedos’”.

Nos anos 30, constatamos que Papá Noel – já então também chamado de Papai Noel – está firmemente estabelecido entre nós: só o Jornal do Brasil (RJ) fala dele 528 vezes!

Papai Noel, mencionado na BN uma única vez em 1898 na “Gazeta de Notícias” (RJ, de 25 de dezembro de 1898), passou por um processo de consolidação até chegar a dominar o Natal na imprensa, cada vez mais, a partir da década de 1930.

3. “Vovô Índio” contra Papai Noel. Projeto: “Abrasilirar o Brasil”

Com o estabelecimento de Papai Noel, o bom velhinho ganha um concorrente. No final de 1932, o escritor Christovão de Camargo (CC) lança uma campanha contra Papai Noel, em favor de sua criação, o “Vovô Índio”. Embora a BN não dê acesso aos arquivos do jornal “O Globo”, sabemos que foi lá que o movimento começou.

CC encontra o modo de alavancar sua criatura com o apoio do importante jornal “Correio da Manhã”, que lança em 11 de dezembro de 1932, sob o título

“Substituição de Papá Noel por Vovô Índio”, um Concurso para premiar “a melhor pintura do Vovô Índio” e o próprio Christovam expõe longamente sua proposta, um autêntico manifesto⁴.

Deixando de lado o regulamento elaborado acima para o concurso, reproduzimos resumidamente as ideias fundamentais do escritor nesse artigo:

– Além de substituir Papai Noel, CC propõe trocar o pinheiro de Natal por uma árvore nativa brasileira (que acabará por ser a mangueira).

– “[Trata-se de] encontrar um “symbolo nativista, simples motivo folklórico, que venha conquistar a posição intrusamente ocupada por Papá Noel, figura altamente sugestiva, mas pertencente a outra raça, de outro clima, fructo de tradições que nada temos em commum”.

– Após elencar outras razões, CC conclui que é até supérfluo: “encarecer o alcance educacional desse banimento de Papá Noel e consequente enthronização do Vovô Índio nas festas de natal destas plagas: a adopção de lendas alienígenas, como essa contra cuja implantação entre nós tento lutar, só pode oferecer à criança brasileira um índice da indigência da nossa imaginação, da mesquinhices dos nossos recursos artísticos, - contribuindo para inocular-lhe, desde a mais tenra idade, esse deplorabilíssimo espírito de subserviência e imitação, que tanto e tão desgraçadamente nos desviriliza. O enraizamento do Vovô Índio nos nossos costumes será o primeiro passo da grande campanha pelo ‘Abrasilamento do Brasil’, tão ardentemente pregado no meu recente livro - ‘O Grave Problema da Instrução Popular’”.

– Expõe a seguir, detalhadamente, o Regulamento do Concurso para a imagem do VvI: os artistas candidatos terão até o dia 20 de dezembro para apresentarem suas obras; o júri é composto pelo próprio CC, seis artistas e indianistas consagrados; haverá prêmios em dinheiro para os 3 primeiros colocados (o 1º. Prêmio será de um conto e quinhentos mil réis); a imagem do Vovô Índio deve ser a de um indígena indiscutivelmente brasileiro “embora embellezado” e convém apresentá-lo com “opulencia das plumas e demais adornos”. No item 3º. do regulamento fica evidenciado que os trabalhos, premiados ou não, após enviados pertencerão a C C. Ou seja, ao participar do concurso já estão cedendo todos os direitos de utilização ao organizador.

É interessante notar que “O Correio da Manhã”, que será (junto com o “Jornal do Brasil”) o grande promotor do VvI, lançou esse alentado manifesto de modo aparentemente isento, precedendo a longa matéria por uma declaração: “Pedem-nos publiquemos o seguinte”.

Tratar-se-ia, talvez, de um eufemismo para matéria paga? Poucos dias antes, na edição de 29-11-1932, o jornal tinha ironizado a tentativa de impor VvI: “Muito bem. Contanto que este [Vovô Índio] não traga de presente às crianças, maracás, flechas e tacapes; os garotos de hoje preferem ‘mecanos’, automóveis e aviões”.

Prorrogação, prazos não foram cumpridos, a arte vencedora do concurso só será conhecida no ano seguinte. Na edição de 11/02/1933 da revista “O Malho” (RJ) a arte de Euclides da Fonseca é divulgada como cartaz vencedor.

⁴.<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22Vov%C3%B4%20Indio%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=14370>, acesso em 31/05/2023.



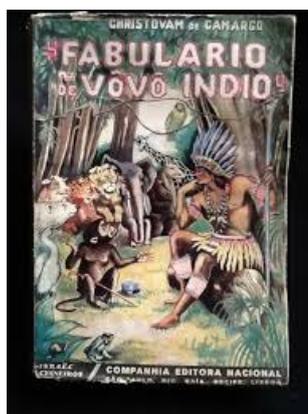
Apoiador do VvI, “O Malho” de 24/12/1932, já trazia uma extensa matéria afirmando que Papai Noel de “aspecto frio”, dará lugar ao VvI de “tanga e penas”. Em outra página diz que a notícia do Vovô Índio “se espalhou como busca-pé”. A matéria diz ainda que o substituto do Papai Noel “vem ahi”. E completa: “abaixo o estrangeirismo. Fora a neve siberiana neste calor americano”.

Na verdade, como vimos no “Correio da Manhã” de 17-12-1933, mais do que a criação de um ícone de Natal, CC deseja uma revolução educacional: o “banimento de Papa Noel e conseqüente enthronização do Vovô Índio nas festas de natal”. E afirma que a crença no Papai Noel, desperta desde a mais tenra idade, “o espírito de subserviência e imitação” e que o enraizamento do VvI em nossos costumes será o primeiro passo da grande campanha pelo “Abrasileiramento do Brasil”.

Para se ter uma ideia da difusão da proposta de VvI no lugar do Papai Noel, a busca por “Vovô Índio” na BN de 1932 a 1939 dá como resultado a aparição em mais de 900 páginas em cerca de 80 órgãos da imprensa de Norte a Sul do país⁵. Na década seguinte, porém, restam apenas 94 páginas na BN em 50 periódicos sobre o tal do Vovô Índio⁶. Camargo, que já tinha publicado dois volumes de “Histórias do Vovô Índio”, não deixa de aproveitar a onda por ele criada e lança mais um livro – *Fabulário* – do Vovô Índio⁷.



“O Malho”, 27-9-1934



⁵c.f.<http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=%5Bcache%5Dcamargo_4961107102712.DocLstX&pasta=ano%20193&pesq=%22V%C3%B4v%C3%B4%20%C3%8Dndio%22>, acesso 13/6/23.

⁶c.f.<http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=%5Bcache%5Dcamargo_59294002959317.DocLstX&pasta=ano%20194&pesq=%22V%C3%B4v%C3%B4%20%C3%8Dndio%22>, acesso 13/6/23.

⁷<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116300&Pesq=%22Vov%3b%4%20Indio%22&pagfis=81101>>, acesso 13/06/23.

No “Correio da Manhã” de 25-12-1934, CC escreve um artigo, narrando detalhadamente para as crianças, a “história” do VvI: ele, bom e inocente, era o antigo dono da terra, mas foi expulso quando chegaram os brancos invejosos e acabou morrendo de puro desgosto. Chegando ao Céu, São Pedro não quer deixá-lo entrar porque não foi batizado. Nisso, dois anjos perguntam se São Pedro não pode dar um jeito no caso e vários santos simpatizam com o VvI, que acaba batizado tendo por padrinhos S. José e Nossa Senhora. Após umas semanas no Céu, VvI sente saudades e pede para fazer, de vez em quando, uma visitinha “lá em baixo”. Ninguém sabe como resolver esse problema, mas o Menino Jesus se sai com esta: “Olhem, pelo meu aniversário, costume ir sempre ao Brasil levar presentes às crianças bem comportadas. Podemos fazer isso – mandar Vovô Índio em meu lugar”⁸.

Na edição de Natal de 1934 da famosa revista “O Cruzeiro”, o próprio CC escreve um longo artigo, “Agora e sempre Vovô Índio”, fazendo seu balanço do sucesso do movimento que criou: apesar dos “contadictores enfurecidos” atalhou a carreira de Papai Noel, que “conseguiu seus partidários e esteve quase firmando-se no Brasil”.

A certa altura do artigo, Camargo celebra o sucesso do Vovô Índio:

O estabelecimento do mytho indígena começou a constituir um verdadeiro acontecimento nacional. Tamanhas proporções foi tomando o movimento, que achei melhor desdobrar em duas partes essa cruzada de arte e nacionalismo: a instalação propriamente de Vovô Índio, e a substituição do pinheiro pela mangueira⁹

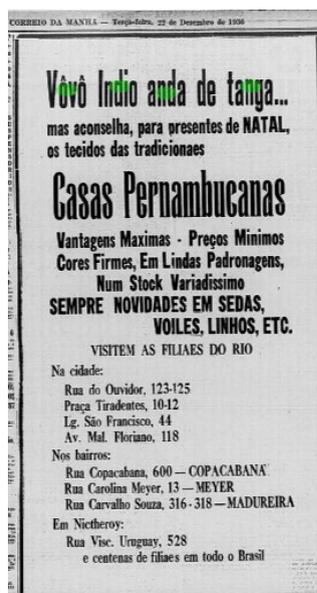
Como pudemos ver, Camargo foi o grande promotor do personagem, sendo ele responsável por escrever a série de fábulas que mencionamos acima e contos protagonizados pelo Vovô Índio, com o intuito de popularizar o personagem e nacionalizar a cultura. Uma coisa é certa, ele conseguiu trazer para seus textos, bom humor e críticas sociais. O sucesso foi estrondoso, atingindo o objetivo de popularizar o personagem.

4. O fim do “Vovô Índio”

Alvo de críticas e ironias desde seu lançamento, o VvI, após aparente sucesso, começa a perder força nos anos seguintes, a ponto de estar praticamente desaparecido em 1938, ou seja, poucos natais depois. O próprio “Correio da Manhã”, jornal que tanto promoveu essa figura, já no Natal de 1932 começa a trazer observações sarcásticas: “(...) essa mal arranjada história do Vovô Índio, porque Índio algum comemorou o Natal” (Correio da Manhã/RJ – 25/12/1932). Em 1933, Bastos Tigre diz: “quiseram substituir Papá Noel pelo Vovô Índio. Tolice!” (Correio da Manhã/RJ - 5/01/1933). E assim, o VvI vai perdendo seu prestígio nas edições seguintes. O Correio da Manhã/RJ em 1936, começa a admitir artigos que dão Vovô Índio por derrotado. Até mesmo um jocoso anúncio de Natal:

⁸<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&Pesq=%22de%20puro%20desgosto%22&pagfis=25570>, acesso 13/06/23.

⁹<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&pesq=%22Vov%C3%B4%20Indio%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=10929>>, acesso em 13/06/23.



<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=089842_04&pasta=ano%20193&pesq=%22Vov%C3%B4%20%C3%8Dndio%20anda%20de%20tanga%22> acesso em 09/08/2023.

Em 1937, VvI é mencionado em um único artigo do “Correio da Manhã” (24/12/1937); em 1938, só é referido em dois artigos e ainda assim, de forma irônica. Em um deles, diz-se que criar uma lenda não está ao alcance de qualquer um “por mais inteligente que seja, [...] Tal Vovô Índio, sem barbas, nú e morrendo de calor, só poderia trazer frutos silvestres grosseiros, alguns até intragáveis” (Correio da Manhã/SP – 24/12/1938);

O único artigo que o menciona em 1939, diz que o coral infantil Apiacás, mesmo com esse nome indígena, recebeu presentes de “Papae Noel” e niguém se lembrou “do famigerado Vôvô Índio de Christovão de Camargo” (Correio da Manhã/RJ – 22/12/1939).

VvI passa a ser, então, simplesmente uma lembrança do passado de uma exótica e fracassada aventura de nativismo ridículo (e Christovão de Camargo hoje está tão esquecido que seu nome sequer consta do Wikipedia).

Em 1952, Rachel de Queiroz, em sua crônica de Natal para a revista “O Cruzeiro”, fala de “improvisações xenófobas como aquela bobagem de ‘Vovô Índio’ pôsto no lugar de Papai Noel”. Ela termina o texto dizendo: “O presépio sim, é que é a boa tradição do Natal [...] Haja mais presépios, [...] e estaremos muito mais de acordo com o Espírito de Natal” (“O Cruzeiro” RJ, 20-12-1952).

Na mesma revista, em 1954, Gilberto Freyre ao discutir a proposta de abrazeirar Papai Noel, diz que a tentativa de substituir Papai Noel por Vovô Índio, “foi uma explosão de nativismo cru, ingênuo e ridículo, semelhante aqueles patriotas do começo do século XX, [que desejavam substituir] o vinho do Porto [pela] aguardente de cana” (Revista O Cruzeiro/RJ – 10/04/1954).

5. Pai João no lugar de Papai Noel

Após o fracasso do Vovô Índio, para o natal de 1952, surge uma nova proposta de Papai Noel nativista: o preto velho Pai João.

O teatrólogo brasileiro Joracy Camargo, autor da peça de imenso sucesso “Deus Ihe Pague” (consagrada pela magistral interpretação de Procópio Ferreira),

junto com o maestro, compositor e folclorista Hekel Tavares lançaram essa proposta, que se revelaria muito mais efêmera do que a do VvI.

Matéria do Diário da Noite/RJ de 16/12/1952, veicula a ideia da dupla.

(...) E o Pai João, o Negro Velho, paciente, cristão e doce, que embalou e ainda embala com seus carinhos e suas histórias tantos meninos brasileiros. Mas, deixemos que Joracy Camargo, fale sobre como nasceu sua idéia:

Em virtude de um contrato celebrado com o Ministério da Educação, Hekel Tavares e eu temos percorrido todo o território do país, em serviço de propaganda da Companhia de Educação de Adultos. Nessa faina observamos o abandono em que vivem as nossas crianças, principalmente do ponto de vista da assistência espiritual. Daí a idéia de organizar alguma coisa nesse sentido. Sem dúvida, o melhor seria aproveitar a época de Natal, justamente quando a petizada se torna mais acessível a qualquer influência. Resolvemos então, compôr uma história infantil e dessa última idéia surgiu a da nacionalização do Papai Noel, substituindo-o pelo nosso Pai João, também grande amigo das crianças. Podemos afirmar que realizamos obra rigorosamente pedagógica, com a própria celebração das crianças, pois o texto e a música foram modificadas diante das reações de 600 meninos e meninas, de diversas idades em três testes consecutivos¹⁰

O mesmo jornal explica que o lançamento foi feito por meio de um álbum ilustrado por Monteiro Filho e dois discos, com uma suíte de Hekel Tavares, apresentada pela Orquestra Sinfônica Brasileira e um solo de oboé.



< <http://ousarteduca.blogspot.com/2013/12/aconteceu-no-natal.html> > acesso em 09/08/2023.

O álbum narra que Papai Noel vai à casinha de pai João pedir que o substitua na tarefa de entregar presentes. Pai João acaba aceitando, trocam de roupa e o preto velho é investido no “cargo” (Diário da Noite/RJ de 16/12/1952).

¹⁰BN<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=221961_03&Pesq=%22Vov%20c3%b4%20c3%8dndio%22&pagfis=24624 > acesso em 09/08/2023.



<<http://ousarteduca.blogspot.com/2013/12/aconteceu-no-natal.html>> acesso em 09/08/2023

Pai João fica encantado ao conferir os brinquedos do saco e exclama:

Tem zebras riscadas
Livrinhos de história
Girafas malhadas
E jogos da Glória!

Mais este estojinho,
Que é musical,
Tocando baixinho
Canções de Natal¹¹

Os dois acabam dançando juntos: Noel dança a polquinha e Pai João o côco, o batuque e o cateretê. Pai João não chegou a concorrer com Papai Noel e ficou apenas como um episódio natalino efêmero do passado.

6. Considerações finais

Se Vovô Índio e Pai João pretenderam desbançar Papai Noel, hoje assistimos a mais uma tentativa de substituição nativista: a de trocar o Halloween pelo “Dia do Saci”, instituído de propósito no dia 31 de outubro para confrontar a festa estrangeira.

Alguns balizam o surgimento das comemorações do Halloween com a chegada dos filmes e séries americanas no Brasil.

No caso dos EUA, um exemplo é a poderosíssima indústria cultural norte-americana, como produções de Hollywood e de séries de TV, que chegaram ao Brasil logo após a Segunda Guerra Mundial, “praticamente junto com a televisão” (MILITÃO, 2020).

Na verdade, essa afirmação é um tanto controversa, pois em nossas pesquisas, encontramos já a primeira Festa de Halloween que vai aparecer na imprensa brasileira, num anúncio sobre as festividades num clube do Rio de Janeiro, em outubro de 1927¹², ou seja, muito antes de 1945, como afirma o articulista¹³.

¹¹ <<http://ousarteduca.blogspot.com/2013/12/aconteceu-no-natal.html>> acesso em 09/08/2023.

¹² Jornal do Brasil – 29 de outubro de 1927 – 1º. Festa e Baile de Halloween na imprensa brasileira foi em outubro de 1927

No “Correio da Manhã” de 06 de dezembro de 1927, encontramos uma descrição muito interessante do Halloween, sem preconceitos e sem nacionalismo.

A festa do Halloween nos EUA é dedicada aos fantasmas, espíritos e bruxas, feiticeiras, etc.. É sem dúvida uma das belas tradições conservadas pelo público com todo o carinho, como a noite de São João ainda entre nós. A 31 de outubro festeja-se o Halloween, a noite serve de pretexto para pessoas amigas se reunirem num pequeno sarau. Enfeitam-se as salas com figuras macabras e coisas pavorosas¹⁴.

Temos aqui uma pista de como as celebrações e/ou comemorações vão surgindo entre os povos, e talvez tentar impor uma festa ou outra macule esse movimento natural da cultura. Segundo Ana Carolina Chiovatto: “As origens das celebrações baseiam-se na sobreposição de diversas culturas, com a presença de festividades e rituais de diversos povos” (*Apud* MILITÃO, 2020).

Bruno Baronetti, pesquisador em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, vê o Dia do Saci como uma resposta à indústria cultural americana. Ele, um crítico do Halloween, constata que há uma “percepção de que cada vez mais escolas do ensino básico valorizavam o Dia das Bruxas no modelo norte-americano”. Para Baronetti, “o Brasil tem um folclore muito rico, com lendas e histórias vindas da miscigenação entre diversos povos, o que é próprio da nossa formação como País”. Ele, adepto da comemoração do Dia do Saci, diz: “Por que não promover uma reflexão sobre o papel da cultura nacional?” (*Apud* MILITÃO, 2020).

Será esse um anseio legítimo ou, pelo contrário, a tentativa de substituir o Halloween pelo dia do Saci seria, retomando Gilberto Freyre, tão descabido quanto o intento de substituição do Papai Noel pelo Vovô Índio: “uma explosão de nativismo cru, ingênuo e ridículo, semelhante àqueles patriotas do começo do século XX, [que desejavam substituir] o vinho do Porto [pela] aguardente de cana”? (Revista O Cruzeiro/RJ – 10/04/1954).

Referências bibliográficas

AUBERT, Pedro Gustavo. O Estado do folclore no Brasil, Laboratório didático – USP ensina sociologia, FFLCH – USP, <<https://ensinosociologia.fflch.usp.br/sites/ensinosociologia.fflch.usp.br/files/2011-2-Pedro-Aubert-folclore-1-texto.pdf>>, acesso em 30/03/2023 - 2011

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_04&pesq=%22Halloween%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=59978> acesso em 06/04/2023.

¹³ A primeira vez que aparece na imprensa brasileira a palavra Halloween foi em 1918, e está vinculado a apelidos de cavalos e cavaleiros de competição no Turfe Francês. No Jornal – O imparcial: Diário ilustrado do Rio de Janeiro – 20 de fevereiro de 1918 <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107670_01&pesq=%22Halloween%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.br&pagfis=19129> acesso em 06/04/2023.

¹⁴ Correio da Manhã – RJ – 06/12/1927 <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_03&pesq=%22Halloween%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=32976>, acesso 06/04/2023.

BN – Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital Brasileira.
<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>

BBC NEWS, *Como o dia do Saci quer rivalizar com o Halloween no Brasil*, de 29/10/2020, <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54706996>>, acesso em 30/03/2023 - 2020

FOLHA MAX, Vereador quer substituir dia das bruxas por dia do Saci, de 29/09/2019, <<https://www.folhamax.com/amp/cidades/vereador-quer-substituir-dia-das-bruxas-por-dia-do-saci-em-cuiaba/228209>>, acesso em 30/03/2023 - 2019

FORTE, G. N. O projeto nacional dos modernistas. **Ponta de Lança**, São Cristóvão (Univ. Fed. Sergipe) v.2, n. 4, abr.- out., p. 27-38, 2009.

VEIGA, Edison. *Há 90 anos, Vovô Índio era a tentativa brasileira de destronar Papai Noel*. <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59754485>. Acesso em 18-03-2023.

SILVA, Daniel Neves. *Folclore brasileiro; Brasil Escola*, <<https://m.brasilecola.uol.com.br/amp/historiab/folclore-brasileiro.htm>>, acesso em 30/3/2023

THOMS, Willian Jonh. *Folk-Lore*, Carta publicada em *The Atheneum*, Londres, em 22 de agosto de 1846 (Ambrose Merton) In Universidade Estadual de Campinas - <https://www.unicamp.br/folclore/carta_folk.html> acessado em 31/03/2023 – reportagem de 1846

MILITÃO, Bruno. *No Brasil, Halloween ofusca folclore brasileiro*, Jornal da USP – 18/09/2020 - <https://jornal.usp.br/atualidades/no-brasil-halloween-ofusca-folclore-brasileiro/> - acessado em 06/04/2023 - 2020

Recebido para publicação em 17-07-23; aceito em 24-08-23